

**CADERNO DE ATIVIDADES DA TURMA DO PRÉ-II:
O LETRAMENTO LITERÁRIO EM AÇÃO**



**LARISSA M. MONTEIRO ALMEIDA
FLÁVIA VIEIRA DA SILVA DO AMPARO**



RIO DE JANEIRO, 2022

**CADERNO DE ATIVIDADES DA TURMA DO PRÉ-II: O
LETRAMENTO LITERÁRIO EM AÇÃO**

Larissa Mendes Monteiro Almeida

Flávia Vieira da Silva do Amparo

**CADERNO DE ATIVIDADES DA TURMA DO PRÉ-II: O
LETRAMENTO LITERÁRIO EM AÇÃO**

1ª Edição



Rio de Janeiro, 2022

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

A447 Almeida, Larissa Mendes Monteiro

Caderno de atividades da turma do Pré-II: o letramento literário em ação / Larissa Mendes Monteiro Almeida; Flávia Vieira da Silva Amparo. 1. ed. - Rio de Janeiro: Imperial Editora, 2022.

54 p.

Bibliografia: p. 53-54.

ISBN: 978-65-5930-027-3.

1. Educação infantil - Estudo e ensino. 2 Leitura - Aprendizagem. 3. Letramento literário. 4. Sequência didática. I. Amparo, Flávia Vieira da Silva. II. Título.

CDD 372.4

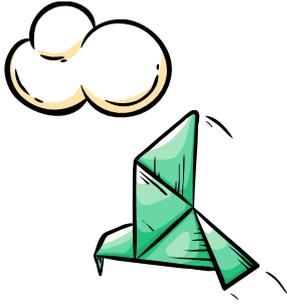
Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

RESUMO

Este produto educacional foi elaborado a partir da pesquisa e considerações obtidas sobre o letramento literário na Educação Infantil. Com ele, objetiva-se não só apresentar propostas relacionadas com o tema em questão, como também instigar demais docentes a realizarem sequências que envolvam o letramento literário em suas vivências. Com isso, são apresentadas neste referido trabalho, atividades realizadas com turmas de Pré-II do EDI Tristão de Athayde, localizado no município do Rio de Janeiro, bem como discussões e sugestões para o trabalho com a literatura em sala de aula, visando abordá-la de forma curiosa, criativa e exploratória. Como arcabouço teórico, este estudo baseia-se nos escritos de Rildo Cosson (2019) trazendo-os para o contexto de uma turma que, embora não alfabetizada, utiliza da linguagem em sua vida social, cercada de estímulos visuais, inclusive escritos. Defende-se a ideia de que os pequenos da Educação Infantil não tenham um contato superficial com os livros, mas construam experiências leitoras, permitindo que façam suas construções e reconstruções de significados no texto literário.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento Literário; Educação Infantil; Experiências Leitoras.

Caixa Mágica de Surpresa



Um livro
é uma beleza,
é caixa mágica
só de surpresa.

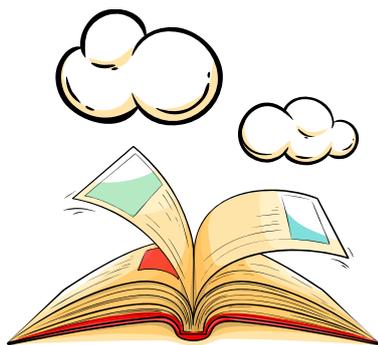
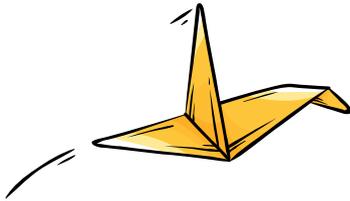
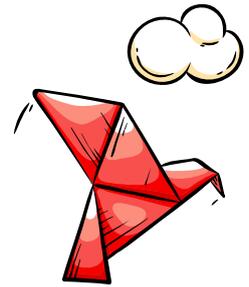
Um livro
parece mudo,
Mas nele a gente
descobre tudo.

Um livro
tem asas
longas e leves
que, de repente,
levam a gente
longe, longe.

Um livro
é parque de diversões
cheio de sonhos coloridos,
cheio de doces sortidos,
cheio de luzes e balões.

Um livro é uma floresta
com folhas e flores
e bichos e cores.

É mesmo uma festa,
um baú de feiticeiro,
um navio pirata do mar,
um foguete perdido no ar,
É amigo e companheiro.



(ELIAS JOSÉ)



*Ler poderia ser,
primeiramente, e sempre,
descobrir e interpretar o
mundo.*

(Dominique Rateu)

APRESENTAÇÃO

Caras professoras e caros professores,

O presente caderno pedagógico é um produto educacional resultante de uma pesquisa vinculada ao Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica do Colégio Pedro II - "Caderno de atividades da turma do Pré-II: o letramento literário em ação". Este trabalho foi realizado sob a orientação da Profa. Dra. Flavia Amparo. A pesquisa foi desenvolvida em um EDI no Município do Rio de Janeiro e nosso caderno pedagógico, além das orientações aos profissionais, é composto por duas sequências literárias a partir dos livros *Flicts* (ZIRALDO, 2008) e *Chapeuzinho Amarelo* (BUARQUE, 2015).

Além da colaboração de muitos outros autores, este produto se baseou, primeiramente, nos estudos de Rildo Cosson (2019), no qual aborda a temática do letramento literário. Sua abordagem foi, então, trazida para o contexto de uma turma de pré-escola II, ainda não leitora convencional, mas que se utiliza da linguagem em diversos momentos da sua vida social e está imersa em um universo letrado, com signos e significados a serem explorados. As crianças dessa turma estão nos seus percursos iniciais pelas veredas da literatura e, a partir das sequências de letramento literário, podem adentrar nesse universo.

Aqui, são estimuladas a criatividade e a curiosidade das crianças diante de experiências literárias que as estimulam a construir um novo olhar sobre os livros, propondo uma interação entre a literatura literária e o universo da infância. A formação do leitor literário tem a ver com proporcionar aos leitores um repertório imaginativo, em que seja possível “ler o mundo por meio das palavras e ler as palavras por meio do mundo” (BAPTISTA; NORONHA; CRUZ, 2013, p. 15).

A instituição participante da pesquisa foi o EDI Tristão de Athayde, Espaço de Desenvolvimento Infantil da rede municipal do Rio de Janeiro localizado no bairro da Barra da Tijuca e atende as turmas do Maternal I até a Pré-escola II. A elaboração do produto foi iniciada a partir de uma pesquisa realizada com professores de dentro e fora a referida instituição. Visando a que os campos teóricos e práticos caminhem juntos,

buscamos, durante essa produção, a valorização e o aperfeiçoamento da prática docente e dos trabalhos planejados em seu cotidiano. Foi realizado um questionário com professoras do EDI Tristão de Athayde e uma entrevista com professoras de outras instituições, ambos contribuíram para direcionarmos e saber a relação que cada professor possui com o tema em questão que geraria o material construído. Ele também foi importante para a teorização dos resultados da aplicação das atividades.

É nosso desejo que este caderno de atividades seja útil e relevante para a sua prática educacional. Que seja capaz de despertar em você a vontade de trazer para a sua vivência escolar o letramento literário e a promoção de atividades significativas que caminhem em busca da formação do leitor literário da Educação Infantil.

Apresentamos aqui, então, possibilidades e explorações teóricas e práticas sobre o letramento literário em turmas de pré-escola, com uma intenção sugestiva para outros professores. Além de propor um método de ensino-aprendizagem, é importante destacar a relevância da Educação Infantil como espaço onde a literatura se faça presente, de forma cativante, exploratória, acolhedora e encantadora.

As autoras

SUMÁRIO

1. CAIXINHA MÁGICA DE SURPRESAS.....	11
1.1 O professor e a caixa mágica.....	14
2. A SEQUÊNCIA BÁSICA DE RILDO COSSON.....	18
3. EM AÇÃO: CHAPEUZINHO AMARELO.....	21
4. EM AÇÃO: FLICTS	34
5. SUA VEZ! SUGESTÃO DE LIVROS PARA PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES.....	46
6. REAÇÃO DA AÇÃO: REFLETINDO A PRÁTICA.....	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	53

1. CAIXINHA MÁGICA DE SURPRESAS

Figura 1. Momento espontâneo de leitura



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Como vimos no início desse trabalho, o autor Elias José, em um belo poema, define o livro como uma caixinha mágica de surpresas. Um livro tem vida em si e deixa correr solta a imaginação.

Para pensar na produção desse produto educacional, foi necessário tornar o livro, objeto principal do letramento literário, como uma caixinha mágica de surpresas. Mas... o que é letramento literário? É simplesmente contar ou ouvir uma história? É folhear um livro? É reconhecer as letras do alfabeto em suas páginas? É admirar as ilustrações? Letramento literário é muito mais.

Há, na vivência do letramento literário, uma experiência apaixonante em descobrir o mundo. Madalena Freire (2014) traz essa ideia quando aborda a dicotomia existente entre o cognitivo e o afetivo, especialmente, em turmas de Educação Infantil (campo em que atuava), mas ela define como “[...]uma relação dinâmica, prazerosa de conhecer o mundo” (FREIRE, 2014, p. 15).

Os horizontes da literatura não estão finalizados entre a capa e a contracapa de um livro. Isso quer dizer, que a literatura não é estática, fixa e distante, ela é vivida toda vez que é lembrada, lida e discutida. E a forma que se dá sua presença em sala de aula é determinante para a relação que se constrói nessa relação real entre o leitor e o livro.

Na literatura também é para se encontrar prazer. É na literatura que as crianças podem, muitas vezes, se perceberem e serem percebidas, é quando são encorajadas, exploram sua imaginação, conhecem outras formas de vivência ao interagirem com cada personagem. Com a literatura as crianças podem desenvolver novos olhares sobre si, sobre seu mundo, sua família e seus pares. É através dela que as crianças têm oportunidade de conhecer e discutir assuntos que muitas vezes não entraram em discussão no seu cotidiano. (ALMEIDA, 2022, p. 51)

Letramento literário é aquele que ocorre através de textos literários. Isso quer dizer que o letramento no campo literário é o processo de apropriação da literatura como linguagem (COSSON, 2019). Quando esse letramento se faz presente na Educação Infantil, busca formar um aluno realmente leitor, não se resume às aquisições de habilidade gramaticais e de leitura, mas vai além desse limite, do aprendizado que se concentra apenas no estudo ou nos conhecimentos referentes ao código linguístico. Sendo o letramento literário uma prática social, relaciona-se, portanto, a literatura com a própria vida, cria-se um diálogo entre o leitor e o texto, provoca-se uma ressignificação dos sentidos presentes no texto, ultrapassam-se as práticas usuais da escola e trabalha-se com a imaginação, a fabulação, a criatividade e a curiosidade.

Falando sobre curiosidade, ela é um elemento característicos nas rodas de contação de história. A capa do livro, quando apresentada aos alunos, já lhes desperta uma curiosidade por tudo que vem por trás de sua concepção e da relação que estabelece com o próprio enredo/ título do livro. A curiosidade é aquilo que move o querer conhecer da criança, são os incômodos instigantes que a impulsionam para as descobertas, tornando o conhecimento mais assimilável, uma vez que está diretamente associado ao que se quer aprender.

Despertar o desejo de conhecer e instigar a imaginação, tornam as experiências vividas mais gratificantes. É importante reconhecer que a literatura e o letramento se associam intimamente com o interior emocional da criança, é que se faz necessário favorecer o encontro da curiosidade com a aprendizagem. O livro, elemento-chave desse processo de ativar a curiosidade, torna-se um mundo de sentidos e símbolos a ser explorado pela criança.

Dentro desse universo literário há a expressão do ser criança: a criatividade. Existe uma relação que se constrói individualmente e coletivamente entre a criança e a sua turma, na medida em que cada uma delas vai fazendo suas associações, reflexões, interagindo com o texto da forma que mais lhe toca e, com tudo isso, favorecendo a ressignificação do texto lido. Ao interiorizar o que leu, a criança abre espaço para relacionar o lido com o vivido, abrindo espaço para a imaginação e a criatividade, inserindo suas próprias vivências no tecido do texto, entretecendo o espaço do ser criança nas projeções do mundo adulto que ela busca compreender.

O livro é um espaço de prazer, de descoberta, de deleite e de encantamento. A criatividade permite a expressão da criança e quanto mais o conhecimento se constrói de forma expressiva, ou seja, de forma dialógica entre o que vem de dentro para fora e de fora para dentro, mais efetividade se ganha no aprendizado e na interação social da criança. A efetividade do conhecimento diz respeito à importância que se atribuiu a determinado saber, pois quanto mais envolvido com o eu da criança, com a vida por ela vivida, mais sentido fará aprofundar esse conhecimento. Quanto mais prazerosa e deleitosa for essa experiência de leitura, mais criativa e curiosa será a caminhada da criança em suas descobertas e redescobertas.

A criança da Educação Infantil, especialmente a da pré-escola, não está apenas se preparando para uma futura alfabetização e, por isso, precisa ouvir e ler histórias. Precisa-se considerar que ela já vive uma interação com o meio de forma ativa, curiosa e criativa, percebendo desde muito cedo o quanto a leitura e a escrita se aliam na sua trajetória de conhecer o mundo, e, à medida que vai se relacionando com esse meio letrado, vai, também, crescendo a vontade de querer compreendê-lo.

Letramento literário não é apenas um ato passivo, baseado em ver ou ouvir histórias, mas um ato que envolve a atividade cultural da criança, é um modo de poder se relacionar com o mundo, de expressá-lo e até entendê-lo em sua multiplicidade. O aluno é um sujeito integrante do processo de leitura. A forma como essa consciência é trabalhada/estimulada pelos professores e até mesmo pela família das crianças interfere na direção que esses conhecimentos vão se construindo.

[...] o objetivo maior do letramento literário escolar ou do ensino da literatura na escola é formar como leitores, não como qualquer leitor ou

um leitor qualquer, mas um leitor capaz de se inserir em uma comunidade, manipular seus instrumentos culturais e construir com eles um sentido para si e para o mundo em que vive [...]. (COSSON E SOUZA, 2011, p. 106)

O letramento literário desperta representações de mundo e, junto a isso, promove compartilhamento de experiências em rodas de leitura, troca de pensamentos e outras interações. O letramento é uma situação de aprendizagem dialógica, que, para tal, precisa acionar a compreensão do papel social de cada indivíduo, formá-lo como leitor crítico capaz de interagir no mundo e com o mundo.

Pensando no cenário da Educação Infantil, precisa-se ter em mente que é nessa etapa, mesmo sem lerem convencionalmente, que as crianças começam a compreender e a dar sentido ao mundo ao redor, sendo um dos estágios a construir suas primeiras hipóteses linguísticas. A literatura torna-se para elas uma experiência de grande relevância seja pelo manuseio de livros, pela oralidade ou pela leitura mediada pelo professor, mas, principalmente, pela forma de percepção do texto literário e pela abordagem escolhida pelo professor para inseri-la nessa etapa de letramento. O importante é que o convívio com a literatura contribua com o processo cognitivo da criança de construção de sentidos e de ampliação de sua visão de mundo.

Madalena Freire (2014, p. 272) define o ato de conhecer, ou melhor, a paixão de conhecer o mundo, como uma “viagem exploratória às dimensões do desconhecido”, o que, mais uma vez, remete à ideia de intimidade, envolvimento, expressividade com o aprender, emocionalmente interligado à vida de cada criança, e é nisso que deve se inspirar o trabalho em sala de aula, centrado nas experiências de vida pelas quais os pequenos irão passar.

1.1 O professor e a caixa mágica

O professor, especialmente em turmas de Educação Infantil, tem grande importância como mediador nas rodas de leitura. O professor é aquele que conduz a turma. Além da sua intencionalidade ser relevante, ele é aquele que apresenta o livro para as crianças, devendo instigá-las a se envolverem com a história, provocando a curiosidade e a reflexão, além de oferecer espaço para a imaginação fluir, valorizando o espaço para

a criatividade e para a exposição dos pensamentos e considerações dos leitores. O professor precisa buscar desenvolver a competência leitora dos alunos da turma, não só fazendo uma boa seleção de obras, temas e autores, mas também por meio de estratégias que favoreçam o trabalho com o texto.

[...] Dessa forma, a mediação do professor implica deixar as obras literárias, com temas enriquecedores, ao alcance das crianças, para diferentes interpretações, sempre na medida em que o texto propicie leituras plurissignificativas, o que é o próprio da literatura.

Em suas mediações, o professor pode usar estratégias para deixar brotar a sensibilidade dos pequenos leitores [...] (OLIVEIRA, 2010, p. 46).

É importante ressaltar que as crianças têm acesso aos livros a partir do professor nas rodas de leitura, porém esse é um momento coletivo, em que muitos saberes são construídos conjuntamente nas trocas de experiências e de impressões vivenciadas pelos alunos. O professor não é o único que detém a capacidade leitora correta simplesmente por ser o único que lê convencionalmente, a turma também participa ativamente. O professor está ali também como ouvinte, apesar de ser leitor. Ele deve estar sensível ao que as crianças têm a dizer, valorizando as considerações e apontamentos que trazem para a roda. Por isso, não se pode dizer que é algo individual ou unilateral, os momentos da roda de leitura são coletivos, pois todos trazem suas contribuições, enriquecem o momento da leitura e são capazes de levar o outro a pensar. Sendo assim, dentro desse momento coletivo que são as rodas de leitura, o professor, os alunos interagem entre si, e cada um vai gerando suas interpretações a partir dessa interação criada.

O professor também é responsável por promover diálogos sobre os textos. Conversas planejadas ou direcionadas nos momentos da leitura auxiliam os alunos a receber o texto literário de forma reflexiva, tornando-se leitores que são capazes de fazer indagações diante de um texto, e contribuindo para que suas interpretações sejam feitas de forma mais contextualizada, além de possibilitar que estabeleçam relações intertextuais entre o texto lido, as leituras anteriores e suas vivências pessoais.

Sendo o mediador nas rodas de leitura, o professor é aquele que dá voz aos livros, traduzindo-o para as crianças, trazendo tudo que nele está escrito/impresso para uma linguagem oral e contribuindo para uma melhor experiência da criança leitora-ouvinte. É

a partir desse contato mediado que a criança inicia sua própria estratégia de identificação do lido - vivido, associando essa experiência de contação a elementos sensoriais, sonoros e visuais do livro. Pouco a pouco, o aluno da E. I vai ampliando o repertório de signos e de símbolos nos quais, inicialmente, se apoiará para recompor sua memória de leitura.

É importante ressaltar que a criança pode fazer sua leitura de forma autônoma, lendo imagens, criando sua própria experiência direta com o livro sem a necessidade do professor. Entretanto, em rodas de leitura, em que toda a turma se une para juntos lerem uma história, a presença do professor garante essa interação, para que todos possam ter o mesmo acesso à história, mesmo que cada um faça sua leitura e interpretações de formas individuais. (ALMEIDA, p. 35, 2022)

Também como mediador, o professor pode ativar os conhecimentos prévios das crianças antes da leitura da obra e trazê-los para rodas a partir de uma conversa, para que assim o texto a ser lido tenha mais conexão com a vida real de cada um presente.

Por fim, porém não menos importante, o professor precisa, em sua individualidade, ser um leitor literário, ou seja, usuário da leitura também em outros momentos. Demonstrar que tem o gosto pela leitura é um elemento sedutor para a turma. É importante que o aluno o tenha como exemplo de leitor, como incentivo e motivação, como aquele que valoriza e investe tempo na literatura, reconhecendo riquezas e possibilidades, que a cada virar de página torna possível, expandindo as interpretações, imaginações e curiosidades das crianças.

Sendo assim, o professor nas rodas de leitura em turmas de Educação Infantil é aquele que:

- apresenta a obra literária;
- é o mediador das rodas de leitura;
- elabora estratégias de leitura;
- compartilha interpretações, pensamentos e sentimentos com toda a turma;
- enxerga esse momento como coletivo;
- dá espaço para as considerações das crianças;
- promove conversas sobre o texto;

- ativa conhecimentos prévios das crianças;
- também é um usuário ativo da leitura;
- estimula uma relação entre a criança e a literatura;
- promove o letramento literário.

Ao considerar os elementos que podem contribuir para aproximar o leitor literário pré-escolar do ato da leitura, conclui-se que:

[...] o professor assume uma posição de estimular as crianças a desenvolverem uma relação afetiva e rica com o texto literário infantil, promovendo o desenvolvimento de uma oralidade expressiva e também, experiência com textos literários. Assumindo sua função de mediador entre a turma e os objetos culturais que são as obras literárias, o professor contribui para que o letramento literário seja elemento presente naquela turma, não como um evento que acontece esporadicamente, mas algo que percorre por todas as trajetórias e jornadas. (ALMEIDA, 2022, p. 36)

Assim, ao despertar o senso crítico e criativo dos educandos, incentivando o hábito de leitura de forma significativa, e não de forma descontextualizada, o professor assume uma grande responsabilidade. Ele pode tornar essa experiência apenas uma rotina da aula, automatizando o momento da leitura e tornando-o pouco proveitoso ou prazeroso. Assim, o professor pode deixar de aproveitar a vertente mais produtiva do literário que se abre como espaço de descoberta, deleite, encantamento e livre imaginação.

2. A SEQUÊNCIA BÁSICA DE RILDO COSSON

- Por onde começar o trabalho com o letramento literário?

Cosson (2019) fala sobre a necessidade de uma sistematização para melhor organização para o trabalho com o letramento literário. Aqui será apresentada a sequência básica desenvolvida por ele que é composta por quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação.

1. **Motivação:** Consiste em um momento mais lúdico de introdução dos alunos no universo do livro escolhido, uma preparação de aproximação dos alunos com o texto a ser lido.
2. **Introdução:** Apresentação do autor e da obra que pode ser feita de maneira informal com uma conversa, recursos visuais, curiosidades, apresentações de slide, entre outros. É o momento em que ocorre a primeira aproximação entre o leitor e o autor, além disso, é quando se chama a atenção dos alunos para os detalhes da obra como a capa, contracapa, cores, ilustrações e outros elementos paratextuais que introduzem a obra.
3. **Leitura:** Momento primordial no letramento literário, em que a obra é lida pela professora aos alunos, considerando que se trata de uma turma de Educação Infantil, que ainda não possui autonomia de leitura. É um momento, no entanto, em que as crianças participam ativamente, havendo um espaço livre para elas questionarem, fazerem apontamentos, associações, darem opiniões, reagirem e se envolverem. É uma etapa que deve possuir uma direção, uma intenção e um objetivo, a forma como a professora a conduz é de extrema relevância para que os resultados sejam obtidos. A professora precisa ser envolvente, trazer recursos visuais ou auditivos se necessário, provocar alguns questionamentos, instigar o envolvimento de seus alunos, atrair a atenção deles para o momento de forma prazerosa e curiosa.
4. **Interpretação:** É o momento em que se busca construir o sentido do texto. De acordo com Cosson (2019) essa interpretação acontece em dois momentos: um

interior, de caráter individual, que passa pela decifração, pela história e pela experiência do aluno, suas relações familiares e tudo mais que constitui seu contexto, é o quando o aluno é afetado (seja de forma favorável ou não) pela obra; e um momento exterior, de externalização da leitura, um ato de construção de sentido coletivo, por meio de compartilhamento de interpretações e sentimentos, é a materialização e o registro.

Junto a isso, o mesmo autor (2019) também aponta três perspectivas metodológicas em que o trabalho com o letramento literário precisa se fundamentar.

- I. Oficina: o aluno aprende fazendo, se envolvendo, ou seja, o aluno constrói seu conhecimento na prática, de forma ativa.
- II. Técnica do andaime: o professor assume esse papel de andaime para dar sustentação aos conhecimentos que os alunos vão construindo, cada vez, de forma mais autônoma.
- III. Portfólio: permite o registro das atividades realizadas, envolve jogos de imagens, pinturas, artes visuais ou outro recurso publicitário que permite o acompanhamento do trabalho e do desenvolvimento da turma.

- Como escolher o livro a ser utilizado?

O professor não precisa escolher os livros sozinho, os alunos podem sugerir livros ou, até mesmo, trazer algum de casa; é interessante que haja espaço para estarem envolvidos nessa etapa, sempre que possível. Entretanto, quando o professor é a pessoa que escolhe o livro, precisa reconhecer que é uma etapa de grande responsabilidade e a escolha é determinante para a sequência do letramento literário que se desenvolve a partir dali.

A seleção dos textos literários deve levar em consideração a criança, no sentido de ser produtora de cultura, que irá manusear aquele livro e interagir com ele, e que é capaz de ressignificar aquele texto que vai chegar a ela. A par disso, as temáticas presentes nos livros escolhidos também precisam de atenção, elas precisam ser possibilidades para questionamentos, dúvidas, discussões. Trazer temáticas que façam parte do universo da criança e que elas possam expandi-la nesse trabalho com o letramento literário. E sendo assim, a forma de se trabalhar essa temática não deve esvaziar o texto de sentido e sim

possibilitar essa conversa do leitor com o texto. (ALMEIDA, 2022, p. 49)

Portanto, o processo de seleção do livro precisa de atenção. Deve haver o cuidado de conhecer previamente a história, de pensar sobre possíveis questionamentos que seriam interessantes levantar e analisar se estariam em consonância com o perfil leitor da turma, ou seja, seria preciso já ter alguma pressuposição de que a turma demonstraria um certo interesse pelo livro a ser lido. Ele precisa ser instigante de alguma forma, estimular a curiosidade, permitir a criatividade, abrir espaço para o diálogo e ser convidativo para que a criança interaja com ele e, a partir dele, experiencie o letramento literário.

3. EM AÇÃO: CHAPEUZINHO AMARELO

SEQUÊNCIA 1:

Texto literário: Chapeuzinho Amarelo

Autor: Chico Buarque

Ilustrador: Ziraldo

Editora: Jose Olympio

FIGURA 2. Capa do livro “Chapeuzinho Amarelo”



Fonte: Chapeuzinho Amarelo, 2015, capa.

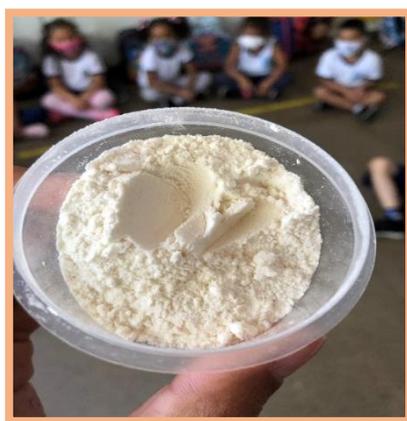
Sinopse: Na história, o autor brinca com o conto da Chapeuzinho Vermelho, mas sua personagem é amarelada de medo: A Chapeuzinho Amarelo. Tinha medo de tanta coisa, mas o maior medo que ela tinha? Um lobo que nunca se via. Um lobo que, vai ver, nem existia. Depois, a história fica mais divertida quando Chapeuzinho encontra o lobo, perde o medo e não sobra mais nada dele para contar história e ele fica bem irritado com isso. Então, o que sobra na frente de Chapeuzinho? Só um bolo de lobo fofo.

Público-alvo: Turma 51 (pré-escola II)

Objetivos literários e gerais: Estabelecer relações com o ambiente à sua volta, expandir o repertório imaginativo, estimular a cognição, afetividade, expressão e linguagem, ampliar o repertório cultural e linguístico, estimular a curiosidade das crianças, incentivar o compartilhamento de seus conhecimentos de mundo e experiências, discutir sobre as possibilidades de transformar algo ruim em bom, conhecer seus próprios medos e anseios e expressá-los, explorar formação de novas palavras com sílabas iguais, utilizar um elemento cultural da história em uma atividade prática (amarelinha), expressar sentimentos, reconhecimento de semelhanças e diferenças entre pares e grupos, desenvolver a imaginação e fazer associações subjetivas.

Motivação: Para estimular a curiosidade do que será lido, a professora apresentou para a turma um potinho contendo farinha de trigo e pediu que todos a provassem. Todos apontaram que ela possuía um gosto estranho, concluindo que não é gostoso comê-la. Então, foi questionado aos alunos se é possível transformar uma coisa ruim em algo bom. Após essa conversa, a professora apresentou a eles um delicioso bolo de chocolate¹ e explicou que ele havia sido feito com farinha de trigo, ou seja, aquela farinha de trigo que eles acharam ruim e de sabor estranho, foi transformada em algo delicioso. Com essa atividade de motivação, a professora pretendeu instigar os alunos a pensarem o que isso tem a ver com a história que será lida, já que na história, Chapeuzinho transforma o seu medo de lobo em um delicioso bolo de lobo.

FIGURA 3. Pote com farinha de trigo



¹ A ideia inicial era que a turma produzisse junto um bolo de chocolate, colocando a mão na massa e levando-o até o forno, acompanhando toda a produção, porém não foi possível devido a pandemia do Coronavírus, cuja as atividades como essas não estão sendo permitidas devido à preocupação redobrada com a higienização das mãos, distanciamento e cuidado no preparo dos alimentos pela equipe da cozinha.

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

FIGURA 4. Crianças com o bolo de chocolate



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Introdução: Foi apresentada a capa, o autor e as características principais do livro antes do momento da contação da história e foi uma etapa bem curiosa. A turma analisava atentamente os detalhes da capa e fazia suposições dos elementos pertencentes a ela, como a cor do chapéu da menina da capa. A professora ia estimulando com perguntas para que as crianças pudessem participar daquele momento com um olhar crítico, já que são elementos tão importantes para a história quanto o seu conteúdo. A apresentação do autor e sua foto, bem como a apresentação do ilustrador também gerou curiosidade entre eles, muitos não sabiam que havia diferença entre essas duas funções. Com isso, mostraram-se mais entusiasmados para a leitura da história que ia acontecer a seguir, tendo sido construída mais familiaridade com o livro e seus elementos.

Leitura: A leitura foi feita pela professora em roda com a turma.

Interpretação:

Atividade 1

A história de Chapeuzinho Amarelo aborda um tema muito relevante: o medo. Em roda, a professora perguntou para as crianças o que fazem quando estão com medo, se elas o enfrentam sozinhas ou recorrem à ajuda de alguém. Foi um momento de conversa livre sobre o assunto.

Após isso, todos foram orientados a desenharem uma coisa de que sentem muito medo e mostrarem para os demais colegas, caso se sentissem à vontade. Depois, os desenhos foram dobrados e cada criança colocou seu medo na caixinha do medo. Uma caixinha que representava a necessidade de aprender a conter o medo encontrando alguma estratégia para vencê-lo. Junto a isso, foi um momento de discutir sobre esses medos, conforme cada criança foi colocando seu medo na caixinha. Então, a turma, coletivamente, ajudava a pensar em formas para solucionar aquele medo, por exemplo:

Diálogo 1

A criança Y relatou em seu desenho que sentia muito medo do escuro, então a sugestão que o aluno R deu foi:

- É só lembrar que no escuro tem as mesmas coisas que tem no claro.

Já o aluno B deu a seguinte ideia:

- Se faltar luz, é só ir pro carro porque no carro tem luz e você não vai ficar com medo.

E a aluna S disse:

- O medo do escuro é só coisa da nossa imaginação.

Diálogo 2

O aluno D disse que tem medo do barulho do trovão e mostrou isso em seu desenho. Alguns colegas, como solução para esse medo, sugeriram:

- Fechar a janela. (Aluna Y)

- Ele pode tampar o ouvido ou colocar um fone. (Aluna L)

No final, todos os medos acabaram tendo uma solução e ficaram presos naquela caixa do medo e com isso, todos puderam passar a rir deles, assim como Chapeuzinho fez quando perdeu o medo do lobo.

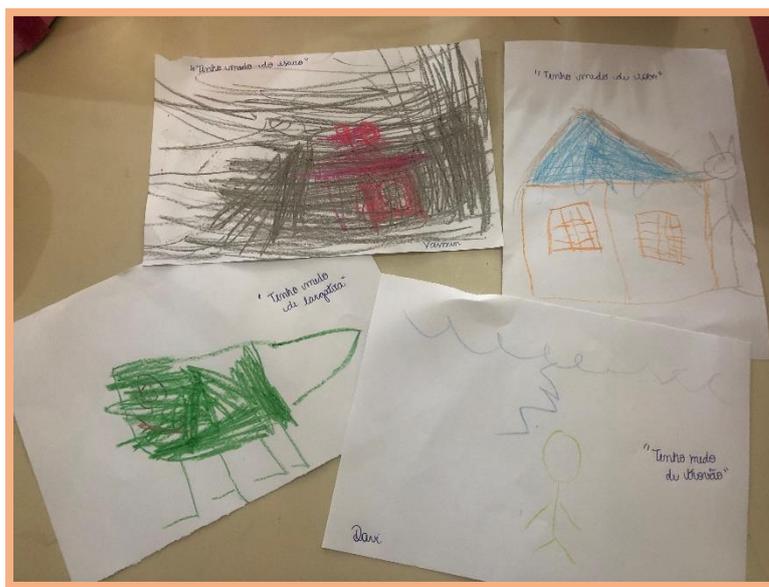
Diálogo 3

O aluno G disse que tem medo da água porque tem onda, seus amigos fizeram as seguintes sugestões:

-É só entrar na água de boia. (Aluna L)

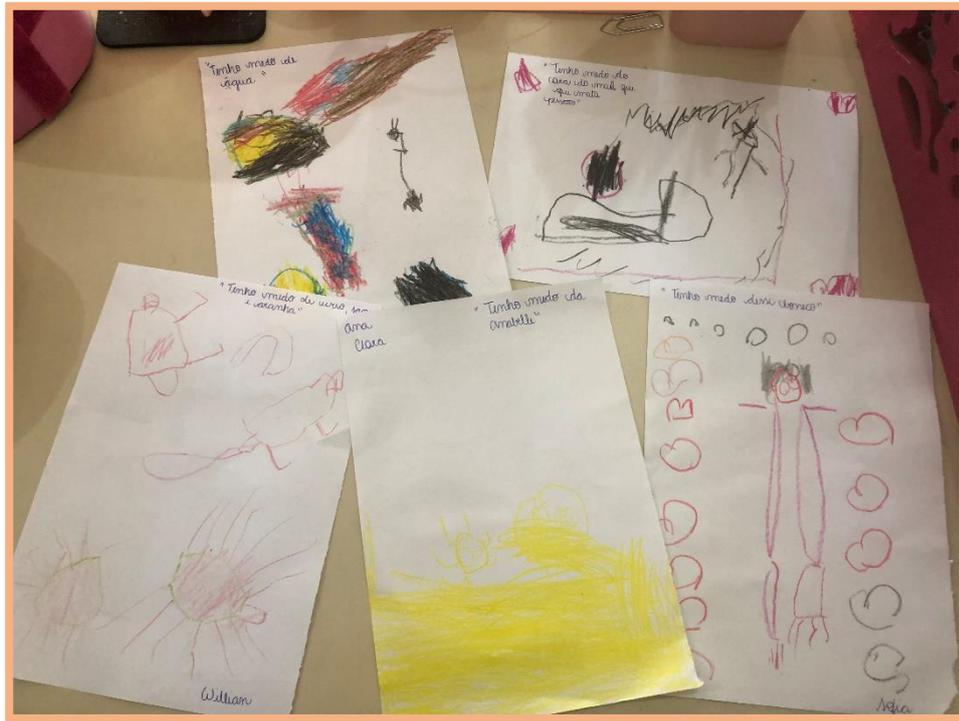
-A praia é linda não precisa ter medo. (Aluno B)

FIGURA 5. Desenho do medo



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

FIGURA 6. Desenho dos medos



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

FIGURA 7. Desenho sendo depositado na caixa do medo



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

FIGURA 8. Desenho sendo depositado na caixa do medo



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Atividade 2

E se a turma 51 encontrasse o lobo? O que cada um diria a ele? Nessa etapa, as crianças foram convidadas a pensar sobre o que fariam ao lobo caso ele aparecesse para elas assim como apareceu para Chapeuzinho na história. E que expressão facial teriam? Fariam uma cara de medo, tristeza, coragem ou felicidade? Cada criança representou, com massinha, sua expressão facial no momento em que encontrasse o lobo.

FIGURA 9. Expressões com massinha



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Atividade 3

Momento de explorar as transformações dos sons. Na história, de tanto ouvir o lobo repetir LOBOLOBOLOBOLOBOLOBOLOBOLO, Chapeuzinho Amarelo perceber que ao inverter as sílabas de LO-BO ela consegue fazer um BO-LO. A professora iniciou uma reflexão questionando como é possível sílabas iguais formar coisas tão diferentes. As crianças foram convidadas a explorar mudanças de sílabas de palavras que formam outras palavras.

Foram entregues cartões com sílabas, para que as crianças, em grupo, brincassem de inverter as sílabas com a ajuda da professora.

FIGURA 10. Jogo das sílabas



FIGURA 11. Jogo das sílabas

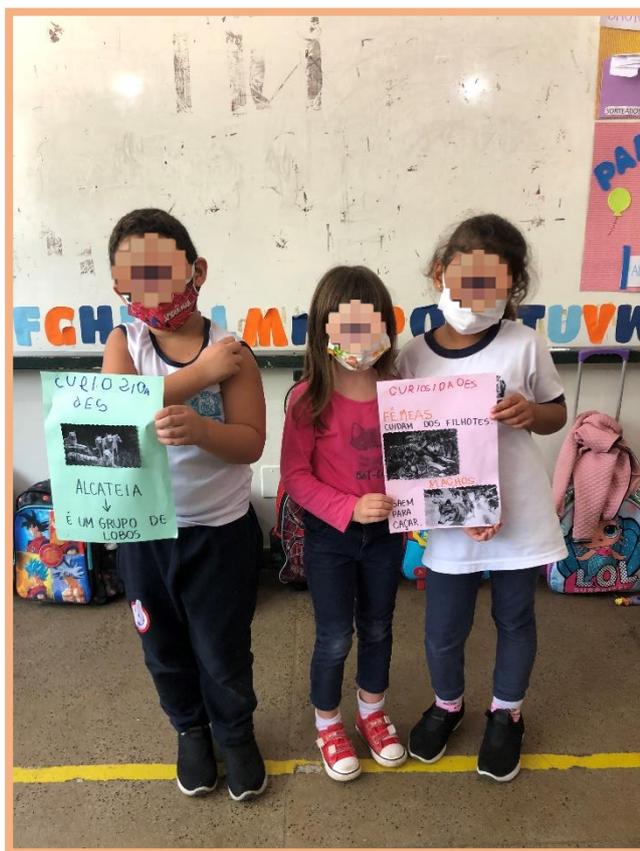


Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Atividade 4

Nessa atividade, a turma fez uma pesquisa sobre os lobos, esse animal que tanto apareceu na história assustando a Chapeuzinho. As crianças puderam obter conhecimento sobre ele para além da história e descobriram informações como seu *habitat*, o que ele come, onde vive, as funções dos machos e das fêmeas e algumas curiosidades. Em grupos (duplas ou trios) fizeram a pesquisa e depois registraram o que encontraram, com a ajuda da professora. No fim, cada grupo apresentou para o restante da turma a sua produção.

FIGURA 12. Curiosidades sobre o lobo



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

FIGURA 13. Onde vive o lobo?



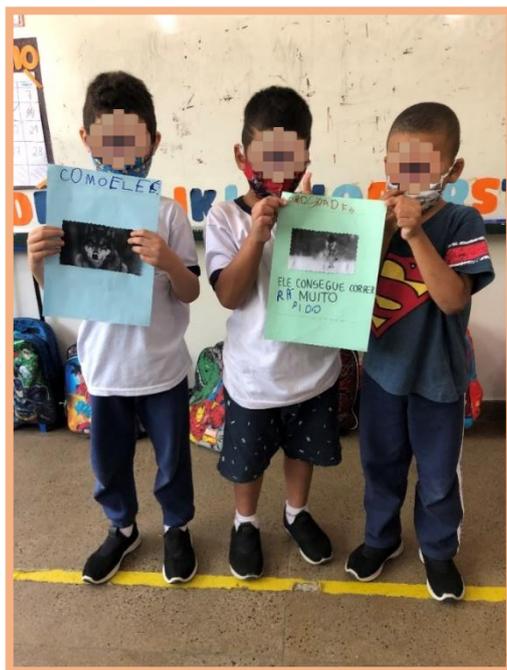
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

FIGURA 14. O que o lobo come?



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

FIGURA 15. Como ele é? Curiosidades sobre o lobo



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Atividade 5

A turma produziu um chapéu amarelo de dobradura assim como tinha a Chapeuzinho Amarelo da história. Após isso, em roda, todos conversaram sobre suposições da importância que aquele chapéu tinha para a menina, já que ele apareceu em sua cabeça na história toda. Ele parecia ser um objeto querido para ela.

FIGURA 16. Chapéu amarelo produzido



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

FIGURA 17. Chapéu amarelo produzido



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

A turma, então, foi convidada a falar sobre algum objeto que também era muito querido e especial para cada um ali; na verdade, falaram sobre seu objeto preferido. A partir da proposta, todos puderam trazer à memória algo que foi importante em suas vidas de forma associativa com a história, pensando na razão disso, na utilidade do objeto, no valor sentimental atribuído a ele, entre outras reflexões.

Podem-se ver algumas falas das crianças abaixo:

- A minha Baby Alive é meu objeto preferido porque ela faz parte da minha família. (Aluna AC)
- O meu cachorro e meu lego são minhas duas coisas preferidas. (Aluno W)
- O meu é o Ipad. (Aluno R)
- Eu gosto do meu ursinho de pelúcia. (Aluna L)
- A minha é a rede que dá para deitar e ver televisão. Na minha televisão tem Netflix. (Aluno G)

Atividade 6

Há uma brincadeira que aparece no início da história como um grande medo de Chapeuzinho Amarelo, mas que no final, se torna algo divertido, que lhe traz prazer. Essa brincadeira é a amarelinha. Fazendo uma associação com esse acontecimento, a professora questionou à turma se alguma criança já passou a fazer algo que antes tinha muito medo e perguntar o que mais lhe encorajou, abrindo espaço para discussões e troca de experiências. A turma, então, brincou de amarelinha no pátio da escola. As crianças foram incentivadas a participarem da brincadeira e se divertirem, assim como a menina da história e viram que é possível um medo deixar de ser algo ruim e até se tornar algo divertido e prazeroso.

A seguir, estão algumas falas das crianças da turma expondo algo que tinham medo de fazer mas hoje já se encorajaram:

- Eu tinha medo de andar de bicicleta sem rodinha, mas hoje eu já sei. (Aluna S)
- Eu tinha medo de imaginar monstros no escuro, mas hoje não imagino mais. (Aluno R)
- Eu tinha medo de andar de patins, mas não tenho mais. (Aluno B)
- Eu tinha medo de andar quando era bebê, mas agora já aprendi. (Aluno G)

FIGURA 18. Criança brincando de amarelinha



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

FIGURA 19. Criança brincando de amarelinha



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

4. EM AÇÃO: FLICTS

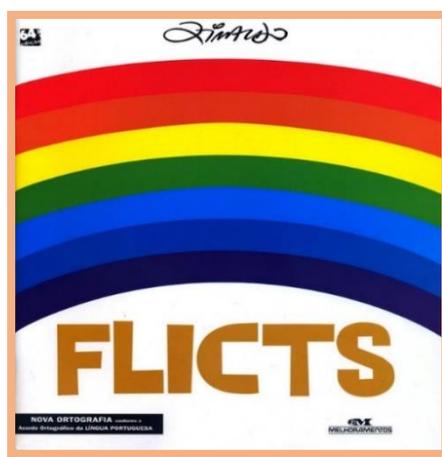
SEQUÊNCIA 2:

Texto literário: FLICTS

Autor: Ziraldo

Editora: Melhoramentos

FIGURA 20. Capa do livro Flicts



Fonte: Flicts, 2008, capa.

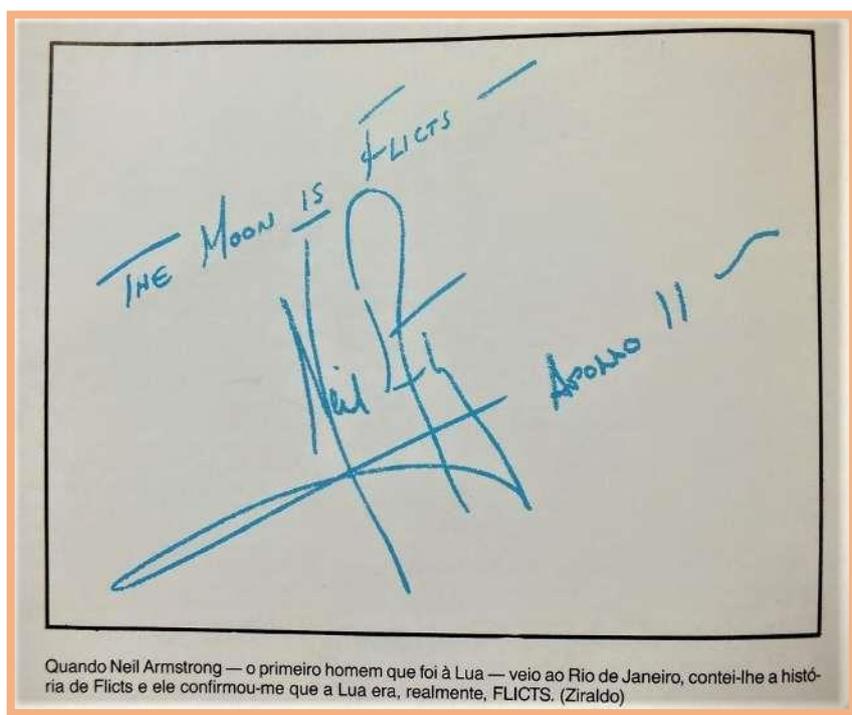
Sinopse: Flicts é uma cor diferente que não consegue encontrar seu lugar no mundo. Não está presente nas caixas de lápis de cor, no arco-íris e nem nas bandeiras dos países. Ninguém parece reconhecer o seu merecido valor e é rejeitado pelas outras cores por ser apenas “o frágil, feio e aflito Flicts”. É um livro que fala de empatia, respeito e solidariedade, pois, assim como Flicts, todas as pessoas, por mais diferentes que sejam, possuem seu lugar no mundo e merecem amor.

Público-alvo: Turma 51 (pré-escola II)

Objetivos literários e gerais: Realizar construções significativas e interações com o ambiente ao seu redor, usar a literatura como instrumento de aperfeiçoamento individual e social, utilizar conhecimentos prévios de mundo, promover um envolvimento lúdico com a obra literária, oportunizar a socialização das crianças, contribuir para o crescimento emocional, cognitivo e para o desenvolvimento pessoal, trabalhar o preconceito, a inclusão, o respeito e a valorização do diferente, reconhecimento das semelhanças e diferenças entre as pessoas, autoaceitação e a sua importância e valor no mundo.

Motivação: Já no fim do livro, é revelada uma verdade que ninguém sabe, apenas os astronautas sabem: “que de perto, de pertinho, a Lua é Flicts”. No mesmo ano de lançamento do livro (1969), Neil Armstrong pisa na Lua. Ao seu retorno, em uma visita ao Rio de Janeiro, o autor Ziraldo lhe conta a sua história *Flicts* e o astronauta confirma por escrito o que o livro já dizia:

FIGURA 21. Bilhete de Neil Armstrong para Ziraldo



Fonte: <https://blogs.uai.com.br/contaumahistoria/a-lua-e-flicts/>

Para provocar a curiosidade das crianças nesse sentido, foi apresentada uma carta contendo o recado impresso enviado por Neil Armstrong ao autor do livro. Junto a isso foi mostrado às crianças uma foto do astronauta para que a turma pudesse tentar adivinhar quem é, o que faz e o porquê de ter-se tornado famoso. A ideia é que pudessem começar a criar suposições entre a relação da foto do astronauta, o envelope com o recado recebido e a história a ser lida. Algumas questões provocantes começaram a ser feitas, como “O que quer dizer a ‘A Lua é Flicts?’”, “O que é Flicts?”, “Por que o recado está em inglês?”, “Por que um astronauta mandaria um recado para um escritor brasileiro?”.

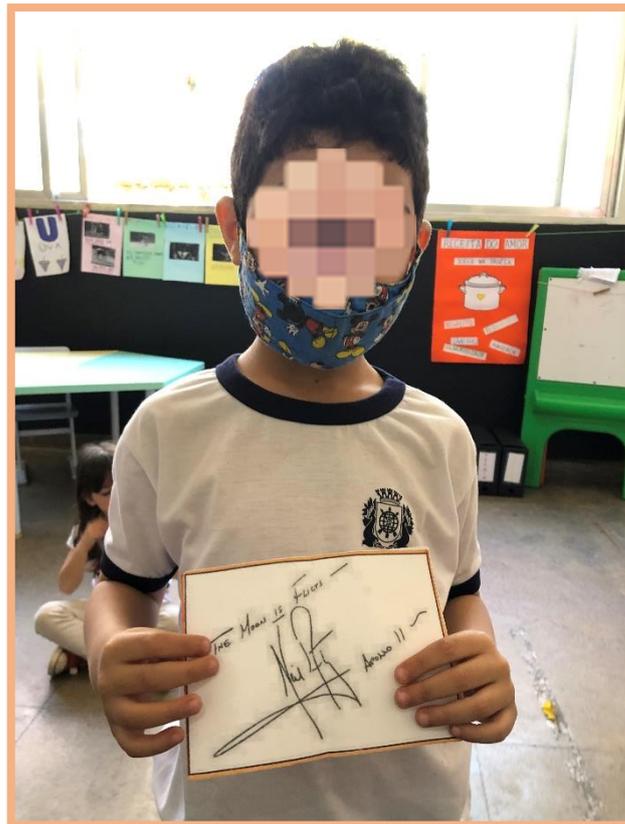
Esse momento de conversa aconteceu em uma roda na qual os elementos foram apresentados.

FIGURA 22. Envelope contendo o bilhete



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

FIGURA 23. Bilhete de Neil Armstrong



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

FIGURA 24. Bilhete sendo aberto



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

FIGURA 25: Foto do astronauta



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Introdução: Nessa etapa, a professora, apresentou o livro para a turma. Mostrou que na capa havia um arco-íris e lhes chamou a atenção para as cores que o compõe, trazendo-os para uma leitura da capa.

Foi o momento, também, de apresentar o autor, contar um pouco de sua vida e sua jornada, apresentando uma foto de seu rosto.

Conversas e observações sobre demais características da capa (título, cores, objetos, formatos) e contracapa também foram bem-vindas nessa etapa, trazendo a atenção da turma também para os elementos paratextuais pertencentes à obra.

Leitura: A leitura foi feita pela professora em roda com a turma.

Interpretação:

Atividade 1

Nessa primeira atividade, a turma formou duplas. Quando formadas, cada aluno se sentou perto de seu par. Todas as crianças receberam uma folha de ofício e lápis de cor e nela desenharam o amigo que era sua dupla. A professora sinalizou a importância de o

desenho representar certas características do amigo, como cor e forma do cabelo, cor dos olhos, formato da cabeça, etc.

Feito isso, cada criança mostrou o seu desenho para o restante da turma apresentando o seu amigo junto com o seu desenho, dizendo o que desenhou e suas características reproduzidas na folha.

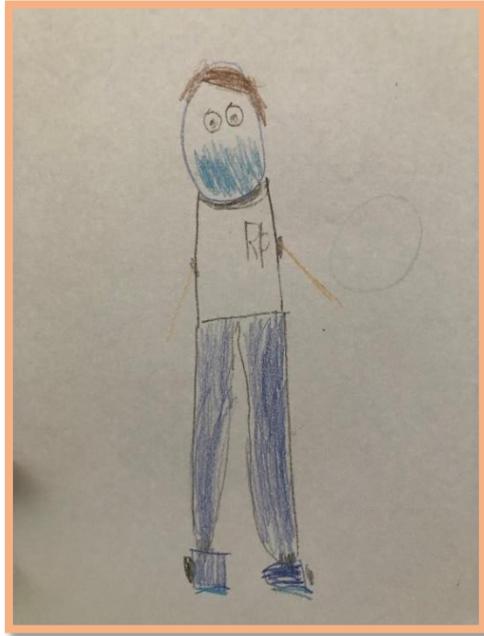
A ideia foi que todos pudessem ter o momento de olhar para os detalhes do outro com atenção e concentração e para as características mais marcantes presentes no seu amigo, ou seja, para as diferenças existentes entre o eu e o outro.

FIGURA 26. Desenhando o amigo



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

FIGURA 27. Desenho do amigo



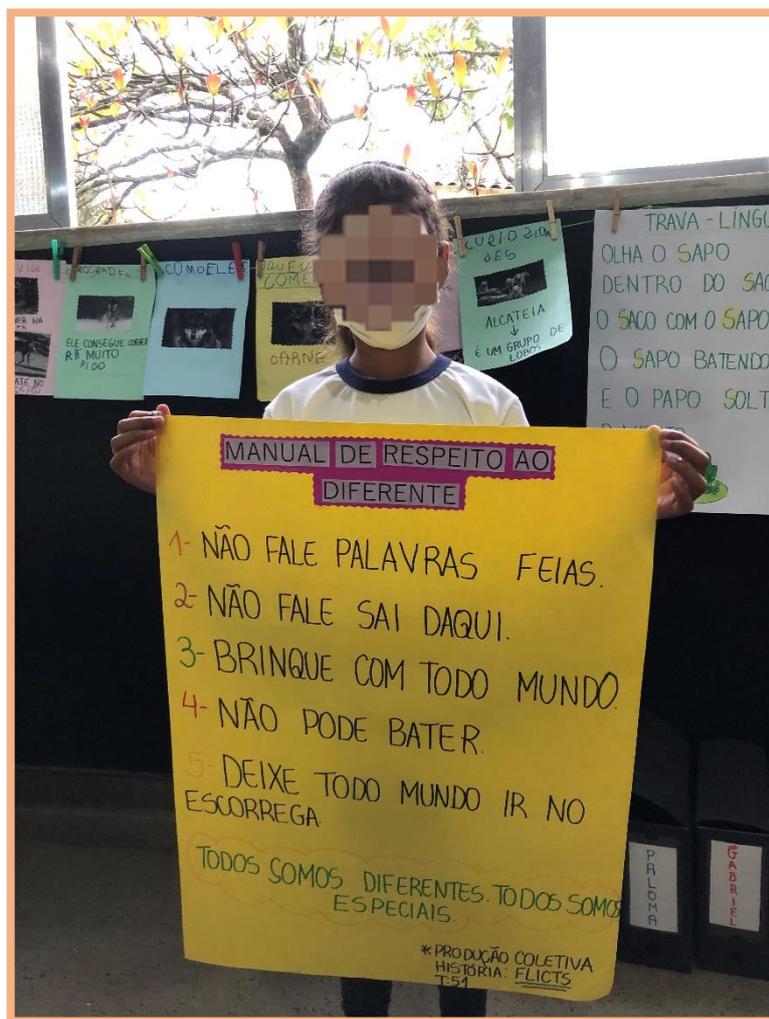
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Atividade 2

A turma coletivamente produziu um “Manual de respeito ao diferente”. Nele estavam regras, sugestões, avisos, orientações sobre como todos devem agir com aqueles que são diferentes, ou seja, todas as demais pessoas, já que todos possuem diferenças entre si e possuem sua particularidade.

A professora foi anotando as frases, conforme foram sendo ditas pelos alunos e, quando finalizado, o manual foi exposto no corredor da escola para que as ideias da turma pudessem ser compartilhadas com as outras turmas.

FIGURA 28. Manual de respeito ao diferente



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Atividade 3

Hora de explorar as cores, as transformações, as formas e um elemento da natureza marcante na história: o arco-íris. Nessa etapa, no cavalete presente na sala, cada criança foi convidada a pintar com tinta guache o arco-íris com sete cores, bem como ele é, porém com uma diferença, utilizando as cores que quisessem.

Antes da produção, a professora compartilhou com a turma a intenção da atividade em associação com a história lida. Flicts era sempre excluído pelas demais cores, nem no arco-íris havia um espaço para ele. A intenção era que novas cores pudessem ganhar espaço no arco-íris, quem sabe até o Flicts. A inclusão de cores diversas traz a ideia de como é importante incluir pessoas em grupos muitas vezes já formados, fechados, que

não olham para o diferente, que não estão abertos para novos participantes. Receber novos amigos em seus grupos de amigos, por exemplo, é uma ideia legal e pode fazer um bem enorme para aquele que se sente excluído e sem espaço, como foi o que aconteceu com Flicts na história.

As crianças, então, produziram seu novo arco-íris dando espaço para novas cores que antes não encontravam espaço, podendo manter também algumas cores tradicionais. Foi uma atividade livre, que dependeu da criatividade dos alunos. As pinturas foram expostas na sala para que todos pudessem visualizar sua obra e as demais produzidas pelos outros colegas.

FIGURA 29. Produzindo o arco-íris



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

FIGURA 30. Produzindo o arco-íris



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

FIGURA 31. Produzindo o arco-íris



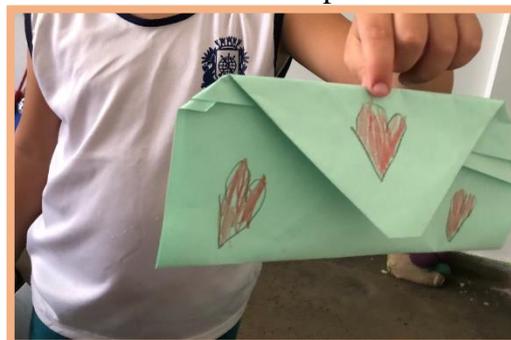
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Atividade 4:

Momento de se expressar, de dizer “O que você diria a Flicts? ”. Essa questão foi levada a turma para que pensassem o que diriam ao personagem da história que se sentia tão sozinho, excluído e sem importância, ao contrário das demais cores.

Cada criança produziu uma carta para Flicts. Já que é uma turma que ainda não escreve convencionalmente, foram produzidas cartas com escrita espontânea, contendo também desenhos e o que mais veio da criatividade das crianças. A ideia é que pudessem transmitir a Flicts uma mensagem de apoio, conforto, amor e afirmação da sua importância, levando a turma a, mais uma vez, pensar no próximo e na valorização do diferente.

FIGURA 32. Carta para Flicts



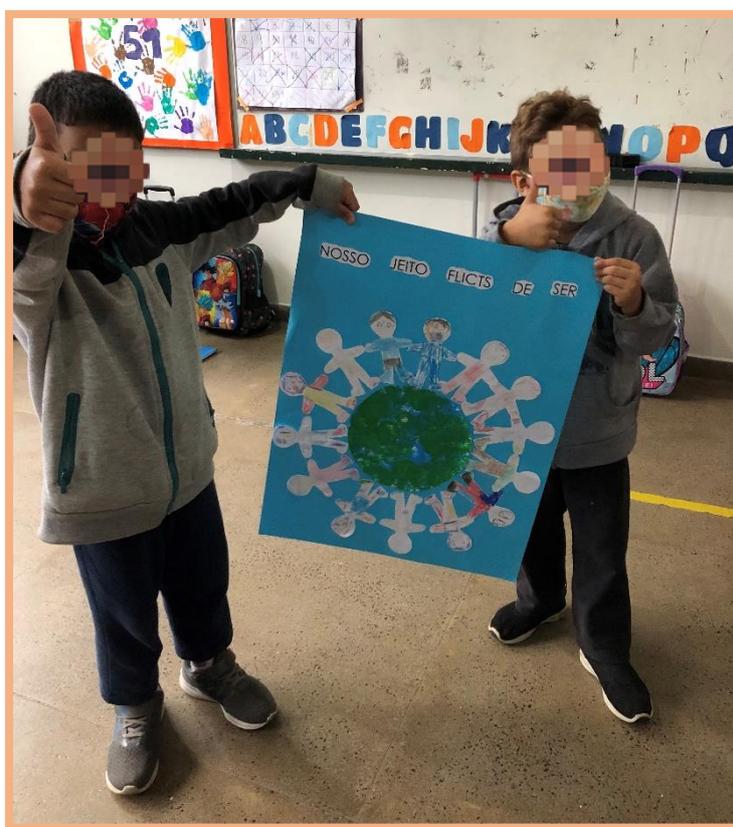
Fonte. Acervo pessoal da pesquisadora

Atividade 5:

As crianças receberam uma silhueta de um boneco feito de papel que representa o “eu”. Foi o momento das crianças olharem pra si, pra suas características e individualidades e reproduzirem sua imagem no molde do boneco, colorindo e desenhando sobre ele.

No final, a turma coloriu coletivamente o planeta terra desenhado pela professora e colocaram o seu boneco ao redor do planeta e em cima do cartaz estará escrito: o nosso jeito Flicts de ser. Nessa etapa, as crianças já tinham se atentado para as diferenças existentes entre as pessoas (e até mesmo entre as cores, como na história) e que isso não deve ser um motivo de exclusão ou preconceito, mas o quanto o outro é importante e merece respeito independentemente de qualquer razão, cabe a cada um desenvolver a empatia e assumir essa responsabilidade, afinal, todos têm o seu jeito Flicts, todos têm algo que lhe torna diferente do outro, algo incomum, bem particular, todos são únicos e, mesmo assim, todos têm o seu lugar no mundo.

FIGURA 36 .Nosso jeito Flicts de ser



Fonte. Acervo pessoal da pesquisadora

FIGURA 37. Cartaz produzido pela turma



Fonte. Acervo pessoal da pesquisadora

5. SUA VEZ! SUGESTÃO DE LIVROS PARA PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES

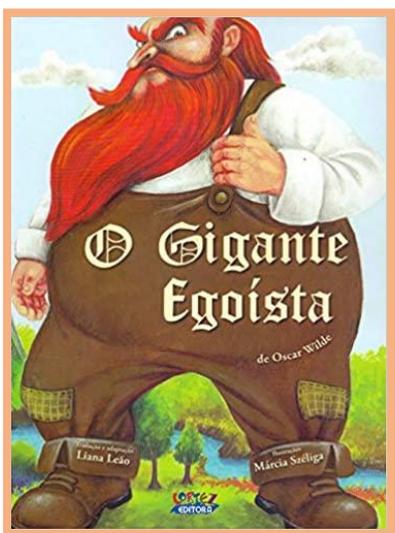
A seguir estão algumas sugestões de obras para ações literárias em turmas de Educação Infantil.

Algumas dicas para a utilização para os livros em sequências de letramento literário:

- ✓ Explore e conheça a obra antes de apresentá-la a turma
- ✓ Observe os temas que podem ser explorados na turma
- ✓ Reflita sobre as possibilidades de interpretações e discussões que a obra pode trazer nas rodas de leitura, lembrando que as crianças sempre surpreendem com suas interpretações
- ✓ Pense em quais questionamentos serão cabíveis de levantar no momento da leitura para a exploração do livro com as crianças
- ✓ Faça registros e analise os resultados como forma de autoavaliação e avaliação da turma

- **O gigante egoísta**

FIGURA 38. Capa do livro O gigante egoísta



Fonte. O gigante egoísta, 2010, capa.

Autor: Oscar Wilde

Tradução e adaptação: Liana Leão

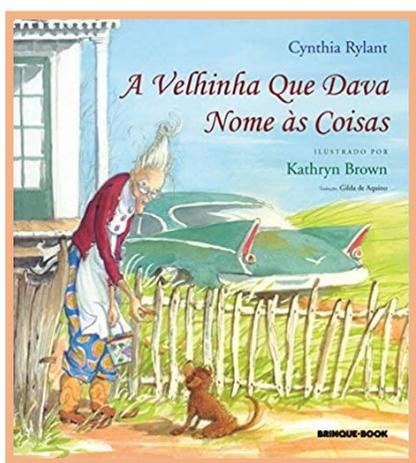
Ilustrações: Márcia Széliga

Cortez Editora

Sinopse: Um gigante tem um grande jardim. Com um ímpeto egoísta, resolve fechar as portas do jardim das crianças que o coloriam ao brincar e colorir por ali. Assim, o jardim se torna um lugar solitário e triste, até que, conhece um menino que o sensibiliza e o gigante percebe que o caminho para sua própria felicidade está na generosidade e na partilha de seus dias.

- **A velhinha que dava nome às coisas**

FIGURA 39. Capa do livro *A velhinha que dava nome às coisas*



Fonte. *A velhinha que dava nome às coisas*, 2002, capa.

Autora: Cynthia Rylant

Tradução: Gilda de Aquino

Ilustrações: Kathryn Brown

Editora Brinque-book

Sinopse: O livro aborda de uma forma sutil sobre solidão e perda. Ele conta a história de uma velhinha que não tinha mais nenhum amigo pois todos já haviam morrido. Então, ela começou a dar nome às coisas que tinham certeza que durariam mais que ela, como sua casa, sua poltrona, seu carro, sua casa, etc. Até o dia que conheceu um cachorrinho que apareceu na sua casa e acabou dando um nome a ele, mesmo correndo o risco de sobreviver a ele.

- **A vendedora de chicletes**

FIGURA 40. Capa do livro A vendedora de chicletes



Fonte. A vendedora de chicletes, 2013, capa.

Autor: Hans Christian Andersen

Recontado por: Fabiano Moraes

Ilustrações: Claudio Coimbra

Editora Universo dos livros

Sinopse: A história acontece na época natalina. Todos estão envolvidos com as compras de natal e a pequena e pobre vendedora de chicletes tenta realizar suas vendas, sem ser notada pelos passantes na rua.

- **Menina bonita do laço de fita**

FIGURA 41. Capa do livro Menina bonita do laço de fita

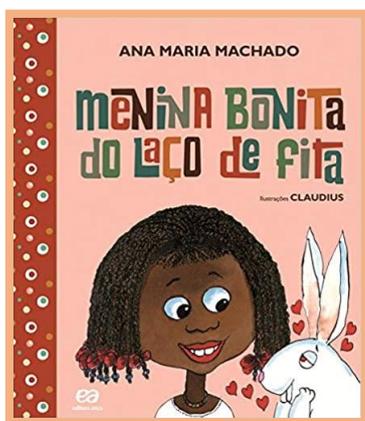


FIGURA 43. Capa do livro *Meu querido diário*



Fonte. *Meu querido diário*, 2010, capa.

Autores: Fabiano Moraes e Yedda de Oliveira

Ilustrações: Jeasir Rego

Editora Nova Alexandria

Sinopse: Yayá, uma menina muito viva, relembra, neste diário, passagens marcantes de sua infância. Um livro terno e encantador, ilustrado com bordados da própria Yayá.

6. REAÇÃO DA AÇÃO: REFLETINDO A PRÁTICA

Após a apresentação das atividades e sugestões de livros a serem trabalhados, cabe falar sobre a importância de se manter em constante reflexão sobre a prática. A reflexão vem antes e depois da prática, sempre em busca de um aperfeiçoamento e adequações necessárias diante da prática escolar de uma turma. Primeiramente, o professor precisa conhecer bem sua turma e o seu perfil de leitor. Isso o ajudará em seu planejamento e na definição de seus objetivos com o letramento literário.

Abaixo, estão algumas perguntas que podem ser feitas após as atividades propostas, servindo também como uma avaliação:

- O material foi atrativo para as crianças?
- Os alunos puderam fazer associações entre a história e suas vidas?
- A turma trouxe algum questionamento em cima da história lida ou atividades realizadas?
- Do que a turma mais demonstrou ter tido interesse?
- A sequência do letramento literário instigou a curiosidade das crianças?
- O ambiente contribuiu de alguma forma?
- O que faltou para ser realizado na próxima vez?

Enfim, o trabalho com o letramento literário pode e deve ser feito já na Educação Infantil. É importante frisar que as crianças dessa faixa etária, mesmo ainda não alfabetizadas convencionalmente falando, são leitoras que iniciam seus caminhos nas veredas da literatura, relacionam-se com o mundo letrado bem como fazem parte de sua integração, por isso, estão em constante interação com ele além de serem produtoras de cultura dentro desse mundo. Sendo assim, as crianças da Educação Infantil também são agentes de letramento, assim como as do Ensino Fundamental e entre outras. O letramento literário inicia-se em uma oportunidade em que há o encontro e o início de uma construção da relação entre a criança e um livro. Não precisa ser em uma leitura individual de forma autônoma, o professor é o mediador que toma parte dessa responsabilidade e possibilita que esse encontro não só aconteça, mas que também gere oportunidades para que ele seja

incentivado e explorado, ultrapassando os limites escolares e didáticos impostos, muitas vezes, nesses encontros.

Espera-se que esse Caderno de atividades da turma do Pré-II contribua para o seu trabalho. Seja inspirador e motivador em sua prática. Da mesma forma, que você possa sempre realizar uma avaliação dos alunos e sua autoavaliação diante de uma prática literária. Que o letramento literário não seja apenas um evento isolado, mas que ele esteja sempre em ação em sua rotina escolar, para que mais e mais leitores sejam formados, mergulhem nessa caixinha de surpresas e se encantem pelo universo da literatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Larissa Mendes Monteiro. **Letramento literário na Educação Infantil: percursos iniciais do leitor nas veredas da literatura.** 2022. Dissertação (Mestrado em educação) – MPPEB, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2022.

CRUZ, Priscila Maria Caligorne; NORONHA, Amanda de Abreu; BAPTISTA, Mônica Correia. Letramento literário na primeira infância. *In: Colóquio de Estudos em Narrativa*, 3, 2013, Uberlândia. **Anais [...]**. Uberlândia: EDUFU, v.1, n.1, p. 11-18, 2013.

BRASIL ESCOLA. **O ensino da leitura literária nas series iniciais: uma abordagem sobre a concepção de formação de leitores e a concepção de letramento literário.** Disponível em: <<https://meuartigo.brasile scola.uol.com.br/imprimir/121846>>. Acesso em: 27/07/2020.

COELHO, Silmara. O processo de letramento na Educação Infantil. **Pedagogia em ação.** Minas Gerais, v. 2, n.2, p. 1-117, 2010.

CORSINO, Patrícia. Literatura na educação infantil: possibilidades e ampliações. In: PAIVA, Aparecida (org.). **Coleção Explorando o Ensino.** Literatura: ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação, v. 20, p.183-204, 2010.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** 2º ed, 9º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.

COSSON, Rildo. O espaço da literatura na sala de aula. In: PAIVA, Aparecida (org.). **Coleção Explorando o Ensino.** Literatura: ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação, v. 20, p. 55-68, 2010.

COSSON, Rildo; SOUZA, Renata Junqueira de. **Letramento literário: uma proposta para a sala de aula.** UNESP, Agosto-2011. Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40143/1/01d16t08.pdf>>. Acesso em: 24/11/2021.

COSTA, Marina Teixeira Mendes de Souza; SILVA, Daniele Nunes Henrique Silva; SOUZA, Flavia Faissal. **Corpo, atividades criadoras e letramento.** São Paulo: Summus, 2013. – (Coleção imaginar e criar na educação infantil)

FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo**: relato de uma professora. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GOULART, Cecília. Letramento e modos de ser letrado: discutindo a base teórico-metodológica de um estudo. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 33, p. 450-460 set/dez, 2006.

GOULART, Cecília. **Práticas de letramento na Educação Infantil**: o trabalho pedagógico no contexto da cultura letrada. TEIAS: Rio de Janeiro, ano 7, nº13-14, jan/dez, 2006.

LOPES, Jercimara Jersica Moura; OLIVEIRA, Kaiza Maria Alencar e. **Analisando práticas leitoras na Educação Infantil**. Disponível em: <http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho_Comunicacao_oral_idin_scrito_1902_667d998b6b4c7adc84ae0678dd3326b7.pdf>. Acesso em: 13/01/2020.

OLIVEIRA, Ana Arlina. O professor como mediador das leituras literárias. In: PAIVA, Aparecida (org.). **Coleção Explorando o Ensino**. Literatura: ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação, v. 20, p. 41-54, 2010.

SANTOS, Fábio Cardoso dos; MORAES, Fabiano. - 1ºed - **Alfabetizar letrando com a literatura infantil**. São Paulo: Cortez, 2013. – (Coleção biblioteca básica de alfabetização e letramento).

SOARES, Ludmila Loslene; FERREIRA, Bruna Milene. **A importância do letramento literário para a formação do leitor**. Goiás, 2019.

SILVA, Kenia Adriana de Aquino Modesto. Letramento literário e práticas estratégicas de leitura na primeira infância. **Nuances: estudos sobre educação**. Presidente Prudente-SP, v.26, n.3, p. 207-225, set/dez. 2015.

SOUZA, R. J.; COSSON, R. **Letramento literário**: uma proposta para a sala de aula. São Paulo: UNESP/UNIVESP, 2011. Disponível em: <<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40143/1/01d16t08.pdf>>. Acesso em: 13/01/2020.